

SEXO, CINEMA E HISTÓRIA VISITAM A SALA DE AULA¹

Talyta Araújo Souza²

RESUMO

Este artigo busca apresentar e analisar situações corriqueiras em salas de aula da última etapa do Ensino Fundamental, onde assuntos relacionados à sexualidade e erotismo são vistos como tabus. A partir de intervenções realizadas por bolsistas do PIBID de História, na rede pública do estado de Pernambuco, o trabalho trará uma explanação sobre as origens desses modos comportamentais, tendo como base, referenciais teóricos. Dessa forma, o escrito busca entender as mudanças ocorridas no decorrer da história até os dias atuais. Assim como é a ideia central do projeto desenvolvido pelos bolsistas, o escrito enfatiza a importância da relação Cinema e História dentro na sala de aula, destacando a influência da linguagem cinematográfica e sua participação nas mudanças históricas comportamentais da sociedade brasileira. Tem-se como objetivo principal aguçar os profissionais docentes a buscar conhecer as dificuldades para dessa forma, trabalhar de forma mais produtiva.

Palavras-chave: PIBID. Cinema. História. Sexualidade. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Em uma formação acadêmica sempre haverá desafios, a partir do momento em que se entra na sala de aula e ocorre um contato mais próximo com os alunos, tornam-se visíveis os anseios e falhas que a educação possui. A partir das experiências adquiridas com as ações realizadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como objetivo concretizar a importância do Cinema para o ensino de História dentro de sala de aula, tornando-o uma ferramenta didática indispensável para complemento da disciplina, pôde-se notar a rudeza comportamental que os alunos mostraram em relação aos aspectos sexuais vistos nos filmes trabalhados. O projeto é desenvolvido em escolas da rede estadual de Pernambuco, e teve como campo de aplicação a escola Estadual Presidente Médici, na cidade interiorana de Arcoverde, sabido que as turmas envolvidas no projeto fazem parte da etapa final do ensino fundamental.

Com base em relatos de experiências das ações, sejam elas Cineclubes e Intervenção, o artigo se sustenta em referenciais teóricos e linguagem cinematográfica no ensino de História. É a partir de cineclubes que os filmes são exibidos e trabalhados com os alunos, as obras cinematográficas variam diante dos assuntos que os alunos estão acompanhando dentro da sala de aula. Duas dessas obras merecem destaque para o desenvolvimento do texto, que são, “Uma História de Amor e Fúria”, dirigido por Luiz Bolognesi e “O Menino de Pijama Listrado”, tendo como diretor o inglês Mark Herman. Ainda sim, teremos como base para a abordagem escrita, a intervenção que teve como tema: “Mulheres e suas conquistas”.

O artigo se debruçará tendo como um dos objetivos, entender as mudanças de costumes e pensamentos em relação à coisa sexual e erótica ocorridas durante o passar do tempo, e dessa forma, buscar compreender o temperamento comportamental dos alunos. O

¹ Artigo resultante de pesquisa, em Subprojeto do PIBID do Curso de Licenciatura em História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA, apresentado no Simpósio Temático Ensino de História e PIBID: Relatos de experiência e construção do conhecimento e ensino de história no XVII Encontro Estadual de História, evento da Associação Nacional de História - ANPUH – PB/ I encontro estadual do PIBID em história, nos dias 18 a 22 de julho de 2016, no município de Guarabira, Paraíba.

² Aluna de Licenciatura em História do CESA. Bolsista do PIBID do Subprojeto de História do CESA. Contato: talytaaraujo2@gmail.com

historiador Boris Fausto destaca, “a história é algo vital na formação da cidadania”, isso porque nos faz entender que só iremos compreender o presente, quando compreendermos quais foram os caminhos que a sociedade percorreu, e como isso ocorreu. Em primeiro plano, é feito uma síntese de explanação geral e global sobre os primeiros esboços de entendimento de questões ligadas a costumes sexuais e o posicionamento social a respeito disso no decorrer da história. Em seguida, uma abordagem mais profunda sobre o desenvolvimento desses costumes no cotidiano brasileiro, tendo como base bibliográfica a escritora e historiadora Mary Del Priore com sua obra “Histórias Intimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil”.

Como ponto culminante do texto, será enfatizada a importância e influência do cinema, seja diante do enlace entre História e Cinema dentro da sala de aula, ou/e pela participação dessa arte nas mudanças comportamentais da sociedade a partir século XX. Feito esse percurso de entendimento, o grande objetivo desse artigo, é compreender, analisar e preparar os profissionais da área sobre qual a melhor forma de trabalhar com o Cinema e História, tendo em vista as dificuldades culturais encontradas na sala de aula, onde é necessário compreendermos a origem dessas dificuldades. É possível tratar de sexualidade através do cinema, basta preparar-se e preparar os alunos sobre essas questões, dessa forma o profissional irá enriquecer o desenvolvimento do pensamento crítico social dos seus alunos.

DESENVOLVIMENTO TÃO NATURAL QUANTO REPRESSIVO

Práticas sexuais sempre estiveram presentes na evolução humana, o que diferencia os primeiros grupos hominídeos com a humanidade atual, é o desenvolvimento psicológico e social.

Diferentemente de algumas espécies, o ser humano, em toda sua natureza, é privilegiado por poder praticar o coito de forma prazerosa, inventando outras formas de praticar a sexualidade: por amor, por mero prazer, e por muitas outras motivações, não somente para a reprodução. Evidentemente, com a possibilidade de prática sexual prazerosa com qualquer pessoa e em qualquer local, os primeiros bandos de hominídeos viram a necessidade de estabelecer uma organização social, traçando normas sobre quando e com quem essa sexualidade poderia ser exercida. Essas regras aumentaram na medida em que foi se desenvolvendo uma cultura. Dessa forma, o macho passou a só poder praticar o coito com uma fêmea dentro de certas condições, mesmo quando possuído por intenso desejo sexual. Foi aí que se criou todo um ritual de complexo simbolismo para normatizar o que é socialmente aceitável.

No Egito Antigo, muitas imagens de deuses egípcios foram censuradas, por se tratarem de conteúdos de sexo explícito. Em outras organizações sociais, as relações íntimas eram veneradas e tratadas de forma natural e especial. Os habitantes originais das Américas tinham um conceito de sexualidade muito diferente dos europeus, que tinham uma visão religiosa e moral sobre o tema. Para as culturas mesoamericanas, o sexo era um elemento de ordem social, e ia além da função reprodutiva.

Todavia, falar sobre sexualidade vai além do conhecimento cronológico e factual, na obra “História da Sexualidade 2, O uso dos prazeres”, Michel Foucault destaca:

Falar assim da sexualidade implicaria afastar-se de um esquema de pensamento que era então corrente: fazer da sexualidade um invariante e supor que, se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singulares, é porque sofre o efeito dos mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra exposta em toda a sociedade. (FOUCAULT, 1998, p. 10).

No decorrer das épocas, tudo que se relaciona a sexualidade, desde o conceito até as práticas sexuais, enfrenta um turbulento caminho. Isso, por que mecanismos repressores usam do seu poder para inibir o desenvolvimento da consciência e conhecimento dos indivíduos. No Brasil, não fora diferente, da colonização aos dias atuais, falta aos indivíduos, o reconhecimento de seres sujeitos da sexualidade.

O PENSAMENTO PARADOXAL DO ALUNADO, CULTURA COLONIAL BRASILEIRA

Para realizar ações na escola-campo, os alunos bolsistas do PIBID de História passam por um processo que conta com a participação do supervisor daquela escola, e com o coordenador do grupo. Com intuito de instigar o debate sobre os “50 anos do Golpe Civil Militar no Brasil”, bolsistas do programa realizaram uma ação com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, da extinta escola Estadual Presidente Médici, tendo como ferramenta didática, o filme de animação “Uma História de Amor e Fúria”, dirigido por Luiz Bolognesi. Aspectos críticos e históricos contidos no longa-metragem eram os pontos principais da discussão, entretanto, os alunos se ligaram à cenas de nudez contidas na animação.

A obra cinematográfica já havia sido analisada, editada (devido à carga horária de História). Entretanto, no momento em que a personagem principal da trama aparece nua e sendo torturada, a turma se exalta e acaba saindo do foco proposto. Mas o porquê dessa exaltação? Tendo em vista que os alunos encontram em sua grade curricular, na matéria de Ciências, o estudo sobre o corpo humano, o sistema reprodutor e tudo mais que o livro didático traz consigo. Não seria para ser uma cena normal? Foram essas questões, que motivaram o início à pesquisa e consequentemente a escrita desse texto.

Ao nos remetermos, novamente, a reação dos alunos, cria-se a seguinte indagação: “Será que desde o período colonial, essa euforia diante de um corpo nu, existe?”. É com base na obra: *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, da historiadora e escritora Mary Del Priore que buscaremos entender um processo delicado e duradouro a cerca da sexualidade e seus aspectos, ligados paralelamente ao desenvolvimento da sociedade brasileira. Vejamos o que Priore diz em uma passagem da sua obra:

À medida que os índios resistiam à chegada dos estrangeiros, aprofundava-se sua satanização. Para combatê-los ou afastá-los do litoral, nada melhor do que compará-los a demônios. A nudez das índias estava, pois, longe de ser erótica. (PRIORE, 2011, p. 11).

O conceito de nudez passou por algumas mudanças com o passar do tempo, em 1500 quando os portugueses desembarcaram em terra firme aqui no Brasil, avistaram as nuas e corpulentas nativas, e é claro que a reação dos estrangeiros fora de certa animação, no entanto, a visão que eles tinham é que se tratava de mulheres selvagens e inocentes. Com a ascensão do Renascimento, o corpo humano passa a ter mais destaque, em especial o corpo nu, mas não se via a nudez como a vemos hoje em dia, isso porque a concepção do que significava o erotismo, era totalmente diferente, todavia, modelou-se a partir das mudanças sofridas na sociedade. Se de início a nudez indígena era tida como pura e ingênua, depois passou a ser sinônimo de pobreza, e, devido a forte influência da igreja católica que intervia na colonização, veio à ideia da nudez como um pecado. O pudor, o combate à luxúria através da sexualidade do nu, e a “salvação” dos nativos através do cristianismo, passaram a ser o foco dos jesuítas, os semeadores da ideia aqui no Brasil, de que o prazer sexual era um pecado divino. Para os renascentistas, o desejo sexual – ou o amor erótico - era visto como uma doença, existindo até tratamento medicinal para cura e prevenção.

Mesmo com a precariedade no modo de viver das pessoas da colônia, a sociedade começara a ser influenciada por novidades advindas da Europa. O mau odor, que antes era visto como erótico, passa a ser falta de higiene e passa a incomodar; nas casas, privacidade era sinal luxo; a nudez das escravas evidenciava cada vez mais a pobreza existente e a beleza junto à sensualidade das mulheres, serão cada vez mais motivo de repressão por parte igreja. É aonde o casamento irá evidenciar-se como ferramenta de boa conduta, e a esposa será a máquina reprodutora dessa união, e nada de prazer, vale a ressaltar. Pois, como a Del Priore busca enfatizar: “à mulher só cabia uma função: ser mãe.”, afinal:

Ela carregou por quinze séculos a pecha imposta pelo cristianismo: herdeira direta de Eva, foi responsável pela expulsão do paraíso e pela queda dos homens. Para pagar seu pecado, só dando à luz entre dores. Os médicos, no século XVI, acabaram por definir o desejo sexual como algo negativo e mais feminino do que masculino. (PRIORE, 2011, p. 24)

A mulher, culpada por aguçar os instintos eróticos do sexo oposto, não mais pela volúpia da nudez, excitavam os homens com suas vestes que as cobriam “da cabeça aos pés”, ou melhor, os pés não, pois eram os lindos e delicados pezinhos que serviam para aflorar as mentes masculinas, o desejo sexual já era uma doença. Será assim, até o século XVIII, a mulher sendo vista como uma das formas do mal sobre a terra, ideia difundida pela igreja.

Quando o assunto era casamento, tudo se resumia à reprodução. Os maridos eram grosseiros a mulher, sempre submissa a ele, em todos os sentidos. A igreja controlava desde o namoro até as relações conjugais, tornando difícil o conhecimento mais científico sobre as práticas sexuais. E, é partir do século XVII que a sexualidade de fato, começa a ser oprimida, e isso irá surtir efeito dentro das casas de família, Foucault trata disso na sua obra “História da Sexualidade 1, A vontade de saber”, quando ressaltar:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. (FOUCAULT, 1999, p. 9)

Há algumas décadas atrás era comum, meninas se casarem logo cedo, ainda adolescentes. Muitos desses casórios faziam parte de acordos entre famílias, tratava-se de um negócio que não levava em conta sentimentos. Hoje em dia, algumas coisas mudaram e o que era normal, como a moça casar virgem e muito jovem, é caso mais raro e o sexo antes do casamento é visto como uma prática normal por grande parcela da sociedade contemporânea.

Em outra ação do PIBID na escola campo, foi feita uma Intervenção que teve como objetivo levar aos alunos o conhecimento sobre a luta diária das mulheres por igualdade. O projeto intitulado de “Mulheres e suas conquistas”, contou com a participação de turmas de 8º (oitavo) ano. Trabalhou-se com a importância da imagem, da oratória, da história e do cinema. Entrevistas foram realizadas na escola, com alunas com média de idade de 12 a 14 anos; uma das indagações feitas às jovens era justamente sobre o “sexo na adolescência”. No início se mostraram envergonhadas, entretanto, logo todas responderam de maneira objetiva e sem rodeios. Uma das alunas, com idade de treze anos e intitulada como **entrevistada A**, diz: “A idade não define em nada, mas tipo... as adolescentes de hoje, vemos muitas meninas grávidas, devemos nos prevenir não é?! Acho que isso que é o certo, ter mais cuidado”. Já a outra, **entrevistada B**, de quatorze anos, é mais radical e fala: “Eu acho que não deveria acontecer tão cedo, pois existem muitas doenças transmissíveis.”

Diante desses depoimentos, vê-se que mesmo a sociedade se modificando com o passar dos anos, a forma com que a história é contada se altera, mas o enredo continua o mesmo, e, o que para uns é evolução, para outros, é degradação. As alunas, mesmo com uma

faixa etária jovem, sabem o que é sexo, mas e por incrível que pareça, apesar de toda essa “liberdade”, mantêm uma postura de culpa, como se estivessem cometendo algum crime.

A INTERDISCIPLINARIDADE DAS DIVERSAS FORMAS DE REPRESSÃO AOS ATOS SEXUAIS

Após a chegada da família real, o cenário brasileiro irá se modificar, graças aos avanços econômicos e culturais. Uma herança memorável da rainha Carlota Joaquina deixada ao seu filho D. Pedro I, ajuda a entender os conceitos sexuais da época, o grande imperador do Brasil mostrava não se importar com a imagem de ser um homem com apetite sexual insaciável. Então, afinal, se o exemplo vem de cima, porque é errado? Diante disso, os casos de adultério empestaram o século XIX.

Era o sistema patriarcal que predominava no segundo reinado, o termo “sexo oposto” estava sendo levado ao pé da letra, nisso, o homem seria o sexo forte e a mulher o sexo frágil. A fragilidade feminina tornava o homem mais soberano. A nudez ainda era vista como sinônimo de pobreza, mas algo estava a mudar, a beleza da mulata foi posta em evidência, devido a sua proeminência frente às mulheres brancas, o seu orgulho e suas aptidões amorosas. No entanto, continuavam a serem tratadas como objetos que serviam apenas para saciar os prazeres sexuais dos seus senhores, ou de homens casados. Esses mantinham suas esposas brancas como escravas do matrimônio, sendo grande parte, tratadas como bonecas de porcelana, que serviam para dar prestígio frente à sociedade. O bordel era uma “instituição” consagrada pelos homens, ajudando na iniciação dos jovens e o estímulo dos fervores sexuais da vida adulta.

A partir dos avanços advindos com as faculdades de medicina em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, informações sobre sexo chegavam da Europa e logo se espalhavam pelo Brasil. Falar sobre isso era delicado, mas era o auge das pesquisas científicas, além do mais, as teorias médicas sobre os prazeres sexuais, eram totalmente aceitas sem repreensão, tratava-se de uma questão “higiênica”. Em alguns pontos, a ciência passou a compartilhar da repressão da igreja, onde a homossexualidade era tratada como doença. Igualava-se à igreja ao repreender os “excessos” de prazeres no ato sexual entre os cônjuges. Dessa forma, fortificava a ideia que a igreja pregava, Priore (2011, p. 59) destaca, “Para a Igreja, o marido tinha necessidades sexuais e a mulher tinha que se submeter ao papel de reprodutora.”.

Michel Foucault traz um estudo, uma teoria diferenciada sobre a repressão sexual existente desde o século XVII, em que o sexo se reduz à sua função reprodutora e o casal passa a ser o “modelo”. O filósofo chama essa repressão de “hipótese repressiva”, que está ligada a uma afirmação de uma sexualidade reprimida e um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo. É a partir do século XIX que a sexualidade passa a ser tratada como um problema, ou seja, ter uma conotação pejorativa, a ser vista como um ócio, um ato imoral quando praticado sem fins reprodutivos. Para Foucault, isso não passa de uma estratégia do biopoder, onde não se era proibido falar de sexo, mas havia um regime que regulamentava o sexo por meio de discursos. Nesse sentido, a proliferação discursiva serve de estratégia, vamos entender conforme Foucault:

anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; a infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático de abominação”. (FOUCAULT, 1988, p. 37).

Dessa forma, o regime buscava assegurar o povoamento e uma sexualidade economicamente útil e politicamente conversadora. Ou seja, segundo Foucault, o próprio governo incentivou a proliferação desses discursos, através da igreja, da escola, da família e por meio dos consultórios médicos. Não era a proibição do sexo que estava em jogo, e sim, o controle da população para não prejudicar os interesses econômicos e políticos.

COM O ADVENTO DA ERA INDUSTRIAL, A SOCIEDADE MUDA RADICALMENTE E ARTIFICIALMENTE

Os avanços tecnológicos trazidos a partir da Revolução Industrial mudariam de forma radical o comportamento íntimo da sociedade, o corpo passou a acompanhar o movimento ágil que o desenvolvimento das cidades exigia. O sexo que era jogado para baixo dos tapetes era sobreposto pelo espírito consumista já no final do século XIX. Com a proclamação da República, vieram as mudanças sociais, culturais e políticas. Criaram-se os ginásios, a medicina agora se voltava para as vantagens dos exercícios físicos, uma onda de liberdade respingava nas formas de lazer, como o teatro, cinema, dança e esportes. Conseqüentemente provocou uma mudança nas formas e exibição dos corpos, nasce então, uma sociedade do espetáculo.

A imprensa regada à globalização foi a grande responsável por a disseminação de uma cultura mais moderna, que acompanhava os avanços industriais. Graças à fotografia, se deu início a contemplação da própria imagem, tornando jornais e revistas, grandes meios publicitários influenciáveis na formação de ideais. O corpo feminino começa a se descobrir, idôneo para o prazer, para praticar esportes, dançar, tomar banho de mar ou atuar no teatro, a tolerância estava de uma forma, que o sexo quase explícito invadira o palco, era um novo modo de vida, que incluía a exposição física. Muitas dessas mudanças estavam ligadas a questões da saúde do corpo. Vejamos o que Del Priore fala a respeito:

a sensualidade feminina começou a rimar com saúde. Se a mudança ainda se revelava hesitante, não demorou muito a se instalar e a tornar-se inexorável. Na Europa, de onde vinham todas as modas, a entrada da mulher no mundo do exercício físico, do exercício sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas piscinas e praias trouxe também a aprovação de corpos esbeltos, leves e delicados. Tinha início a perseguição ao chamado *enbonpoint* – os quilinhos a mais –, mesmo que discretamente. (PRIORE, 2011, pag.81).

No entanto, além da influência europeia, o cinema norte-americano tornou-se uma incrível “fábrica” que ditava moda e novos costumes. O novo motor do desejo era a beleza, mas a beleza mais estética, aquela imposta pela indústria cinematográfica de Hollywood. As estrelas de cinema passaram a serem copiados, seja no seu jeito de se vestir, tudo se ligava a aparência. O corpo – e agora a sensualidade do corpo másculo - passa a ter grande poder de sedução. No entanto, estava se criando uma forma de vivência paradoxal, onde se esse novo conceito de estética era tido como moderno, e tornava as mulheres mais independentes com suas escolhas, “por outro, a sensualidade que emanava de sua representação a transformava em objeto passivo de consumo”, destaca Mary Del Priore (2011, pag. 83). Caso fosse sustentar-se nas opiniões masculinas da época, as formas femininas antigas ainda teriam preferência.

Sensualidade, talvez tenha sido uma das características que mais chamam a atenção nos filmes de Hollywood até hoje. Em mais uma ação do PIBID de História, sustentada através do acompanhamento do conteúdo que o professor supervisor estava passando para os alunos na escola campo de História, foi realizado um Cineclube para poder debater sobre os “70 anos do fim da II Guerra Mundial”, o filme escolhido foi o premiado “*O Menino de*

pijama listrado”, produzido pelo inglês Mark Herman em 2008. Em certa cena do filme, quando o personagem Ralf demonstra afeição por sua esposa Elsa, e a chama para o quarto, os alunos fazem coro, enxergando assim sensualidade naquela cela. Foi uma reação inusitada, pois o filme não passa essa visão, mostrando a deficiência crítica de análise dos alunos. Tendo como base o debate, a ação teve como propósito levar aos alunos o entendimento sobre a importância do Cinema como ferramenta didática. Fazendo essa ponte de ligação, eles passarão a enxergar essa arte como história e conteúdo de aprendizagem.

Antes de tudo, deve-se ficar bem claro, que uma obra cinematográfica não pode substituir um livro ou qualquer outro tipo de metodologia de ensino, ele irá servir como uma ferramenta de apoio, nesse caso, nas aulas de História. O filme trabalhado é uma boa escolha para destrinchar ângulos diferentes, que vão além do Nazismo. Para melhor entendermos essa concepção, vejamos o que Napolitano diz a respeito do uso do cinema na sala de aula:

“trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2003, p. 11).

. Trabalhar com filmes nas aulas de História, é um trabalho de “lapidação”, onde é necessário levar em conta questões como, a faixa etária dos alunos, o prévio conhecimento e análise do filme, ter certo domínio em edição, saber explorar o filme com os alunos, debatendo sobre aspectos que vão desde o contexto histórico, até aspectos mais minuciosos, como as expressões dos personagens e/ou figurino. No entanto, o ponto culminante e que fará a diferença, é a aceitação e o reconhecimento por parte do professor, que o cinema é sim, uma eficaz ferramenta pedagógica.

Ainda se tratando do século XX, a educação sexual era algo difuso, as informações estavam impregnadas aos moldes dos séculos passados, pouco se falava sobre o que era de fato o sexo, muito se preocupava sobre os excessos ligados ao sexo. Na época, a fotografia, cinema e imprensa ajudaram na difusão do nu, e o mercado pornográfico tornou-se conhecido, enlouquecendo a cabeça da rapaziada. É diante dessas imagens sobre o sexo, que a palavra “proibido” irá entrar definitivamente no vocabulário das pessoas. Apesar dessas questões retrógradas, os médicos passam a ter uma postura distinta, colocando o orgasmo do casal, em especial o da esposa, em primeiro lugar.

No namoro, o beijo passa a ser permitido assim como as carícias por cima das roupas, os hotéis estavam sendo substituídos por carros. Como amar ainda era sinônimo de casar, as regras para os relacionamentos ainda eram as mesmas, os homens escolhiam as moças mais recatadas e que seria uma boa esposa – pelo menos, segundo as condutas morais da sociedade – e dependia dela, manter-se virgem e “pura” até o casamento. Caso, ela cedesse, o rapaz poderia até se divertir, mas ela já seria descartada para uma relação séria. Já os homens, poderiam ter relações sexuais com quantas mulheres ele quisesse, e isso é era algo bom, pois um rapaz virgem e inexperiente era algo terrível. Mesmo com inúmeros preconceitos e campanhas para que as mulheres voltassem ao lar e aos valores tradicionais, o trabalho feminino se tornava cada vez mais comum pós Segunda Guerra Mundial. É quando o movimento feminista toma fôlego no exterior a partir da década de 70, no Brasil, o movimento é ameno.

A pílula anticoncepcional fora o grande marco na vida das mulheres, o sexo deixaria de estar inteiramente ligado apenas à procriação, agora era questão de escolher, ter ou não filhos. Além disso, a mulher se tornou mais livre, agora poderia estudar mais, trabalhar mais e não temer uma interrupção por conta da gravidez. É óbvio que a igreja não concordou e tentou de todas as formas impedir, ligando a pílula ao pecado, no entanto, o direito a liberdade venceu.

Nos anos de chumbo, gemidos e sussurros ecoavam nas salas de cinema, eram as sessões dos filmes nacionais, conhecidos como pornochanchada. Filmes de baixo escalão, com cenas de nudez e conversas eróticas, misturadas ao humor. Apesar da baixa qualidade, o filme, retratava bem a sexualidade brasileira da época, em trecho de sua obra ela destaca:

Durante muito tempo, vingou a interpretação de que a pornochanchada foi incentivada pelo governo, porque desviava a atenção das perseguições políticas. Nem tanto. O gênero apenas refletia as mudanças da década: pílula anticoncepcional, movimento feminista e liberação de costumes. Afinal, as atrizes excessivamente maquiladas e seminuas mexiam com o imaginário do homem brasileiro, rompendo com a representação tradicional da sedutora ingênua, heroína dos romances de então. E, depois, havia a forte identificação masculina com os galãs, predadores sexuais, canastrões irresistíveis. (PRIORE, 2011, p. 132 e 133).

Alguns anos depois, o gênero perdeu força. O motivo mais acentuado para isso foi a concorrência com a televisão brasileira. Nos anos finais da ditadura militar, o governo desencadeou a censura, e para completar a decadência da pornochanchada, a influência da crise dos anos 80 que o Brasil enfrentou. Mas esse não foi o único movimento de cunho artístico de influência dessa época, o estilo de vida *hippie*, os movimentos musicais como o *rock*, a globalização, o contato maior e mais liberal entre as pessoas através dos festivais de música ou outras formas de lazer, é uma época de “paz, sexo, drogas e rock and roll!”. O surgimento do vírus da Aids, causou transtorno na vida sexual daqueles que vinham se adaptando com os novos costumes advindos com a modernidade. O prazer passa a se “esconder” novamente, e alguns aspectos morais e hábitos sexuais são reavaliados.

Os anos finais do século XX foram turbulentos, isso porque com as evoluções tecnológicas tudo ficou mais rápido, mudanças na sociedade estavam a todo vapor, e muitos casamentos não resistiram a essas mudanças. O amor próprio começara a aparecer, pensar primeiramente no “eu” para depois em “você” ou em “nós”, e isso feria diretamente os princípios do matrimônio tradicional. O aumento no número de separações foi exorbitante. Outros números alarmantes são os que expressam a violência doméstica contra as mulheres, com o crescimento urbano e a evolução social, a mulher tinha mais garantias e direitos, as mudanças ocorriam mais rápidas para elas do que para os homens. Isso acarretou resistências e o descontentamento por parte deles, onde foram afetados pela baixa autoestima e mudanças comportamentais no sexo. Com o aumento dessa insatisfação, veio o aumento de casos de violência contra as mulheres, todavia, a lei que ainda prevalecia era a “lei do machão”. Eis aí então, mais um obstáculo a ser combatido pelas mulheres modernas. Além da violência, os dados dos casos de abusos sexuais contra menores de idade são de assustar, como Mary Del Priore (2011, p.155) enfatiza, “As meninas seriam as maiores vítimas, representando 83% dos casos.”, são casos horripilantes e que se disseminam com rapidez, pois através da Internet imagens de menores, alvos sexuais, circulam facilmente. O Século XXI começaria em meio a o caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar na educação não é jornada fácil, como professor você lidará com várias histórias de vida diferentes dentro da sala de aula, e para romper com as dificuldades advindas, é preciso ser mais, é preciso ser psicólogo, família ou ter poderes dignos de um super- herói. Para que um projeto dê certo, ir fundo nos estudos de métodos mais eficazes de ensino é a melhor forma de tornar algo produtivo.

O grande desafio desse artigo foi procurar entender o comportamento dos alunos ao se depararem com a sexualidade e erotismo em filmes. Pôde-se constatar que a herança cultura,

trazida de séculos atrás, ainda está muito presente nos dias atuais, e mudar essa concepção é preciso. Não é tarefa fácil, mas o primeiro grande passo é a busca por parte do professor, por mecanismos novos de ensino. O cinema mostra ser uma ferramenta poderosa, capaz de ajudar no desenvolvimento crítico, e conseqüentemente pessoal dos alunos. Primeiramente é necessário se capacitar, acompanhar os avanços que estão ocorrendo em volta, pois a grande dificuldade encontrada hoje pelos professores é ter a coragem de ousar.

O cinema por si só, não irá fazer diferença nas aulas de História. Como comprovado, a melhor forma de trabalhar cinema, história e qualquer outro tema, é por meio da discussão. O projeto desenvolvido mostrou a necessidade de mudança que os profissionais docentes necessitam, é possível sim, falar de sexualidade de forma dinâmica, usando a história como ponte.

REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary. Coluna Histórias íntimas: Todo mundo nu. **Revista Aventuras na História**. São Paulo, Abril, 135ª Ed. NOV/2014.

DEL PRIORE, Mary. Coluna Histórias íntimas O cheiro do prazer. **Revista Aventuras na História**. São Paulo, Abril, 136ª Ed. DEZ/2014.

DEL PRIORE, Mary. Coluna Histórias íntimas Real Adultério. **Revista Aventuras na História**. São Paulo, Abril, 141ª Ed. ABR/2015.